

INTERVENÇÃO de ABERTURA do VIII CONGRESSO da FNAM

Estimados (as) convidados (as) e estimados (as) colegas delegados (as):

O VIII Congresso da FNAM realiza-se num momento de enorme gravidade política, social e económica, onde as políticas sociais que têm sido o suporte do progresso humano e civilizacional estão a ser continuamente golpeadas por um poder governativo déspota e sádico.

Ainda recentemente um ministro fez afirmações escandalosas comparando o Estado Social a um estado totalitário.

A Saúde é um dos pilares do Estado Social e o seu SNS tem sido um exemplo marcante do Portugal democrático pelos resultados de excelência reconhecidos por todas as instâncias internacionais, mas mesmo assim não tem sido poupada à sanha persecutória de uma política de cortes indiscriminados e de medidas desarticuladoras dos serviços, ainda que disfarçadas cinicamente de acções inevitáveis e até de protecção da continuidade do próprio SNS.

A degradação contínua da situação política revela que há uma decomposição clara do poder governativo e que a salvaguarda das políticas sociais exige no caso concreto das organizações sindicais acrescidas exigências de intervenção e de criatividade nas suas formulações agregadoras do legítimo descontentamento dos vários sectores de trabalhadores.

Muitas vezes ouvem-se afirmações que é necessário resistir e defender a todo o custo as políticas sociais que custaram tanto sangue, suor e lágrimas a várias gerações de portugueses e de outros povos europeus.

Mas permitam-me discordar desta perspectiva no pressuposto que adoptar uma atitude focalizada na resistência é já um sinal de rendição.

O que se torna inadiável é “bombardear” continuamente o poder governativo com iniciativas reivindicativas, e com exigências e propostas concretas, bem precisas e rigorosamente fundamentadas, para salvaguardar e melhorar continuamente o desempenho dos serviços públicos e das políticas sociais junto dos cidadãos.

A iniciativa política tem de estar do nosso lado e a acção sindical tem de ser propositiva e exigente consigo própria.

Houve um médico argentino, chamado Ernesto Guevara, que um dia afirmou: “sejamos realistas, exijamos o impossível”.

Tornar possível o impossível deve ser o nosso papel de transformação da realidade, no sentido da humanização da vida e da felicidade dos cidadãos.

E isto é a negação de uma mera atitude de resistência.

Este congresso irá permitir, certamente, uma importante e viva discussão sobre os vários problemas que afectam os médicos e o sector da saúde, numa base de respeito e de tolerância pela diversidade de opiniões e partindo sempre do pressuposto dialético de que é da contradição que nasce o progresso.

Estamos perante um enorme amontoado de dificuldades, mas temos de encontrar as forças necessárias para levar à prática as medidas contidas no Programa de Acção que vier a ser aprovado por este congresso.

Sejam quais forem as dificuldades, as ladainhas do Poder, temos de encontrar respostas imediatas e firmes para defendermos os médicos e o SNS, na certeza de que um famoso poema de Ary dos Santos com o título de “poeta castrado, não!” também terá de estar presente neste espaço: sindicalistas castrados, Não!!!

Muito obrigado e vamos, então, dar início aos trabalhos do VIII Congresso.

Coimbra, 23/11/2013

Mário Jorge Neves